

CENTRO E PERIFERIA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE GRAMSCI E MARINI¹

Sara Curcio

Introdução

O tema desde projeto é a forma dependente de desenvolvimento dos países periféricos² nos marcos da corrente marxista da “Teoria” da Dependência³, a partir de um autor ainda pouco explorado para se pensar essa questão: Antônio Gramsci, particularmente nos Cadernos do Cárcere.

Acredita-se que essa relação entre Gramsci e a “Teoria” da Dependência se colocará através de uma comparação entre a visão de “periferia” sustentada pelos teóricos da dependência, intimamente ligada à idéia de território geográfico e político e a visão de “periferia” de Gramsci, expressada de modo muito mais dinâmico e criativo.

A periferia, de acordo com as formulações teóricas dependentistas assume um caráter espacial. Enquanto o centro representa o poder, o controle e a profundidade, a figuração da periferia é a margem, a superfície, a ruptura. Assim, a ambivalência da periferia está ligada ao fato de se posicionar em relação a um centro de poder em relação ao qual pode simbolizar, por um lado, atraso e falta de sincronia e, por outro, subversão. Entendemos que essa idéia é tributária do conceito de “centro-periferia” originalmente desenvolvido por Raul Prebisch (1981)⁴, segundo o qual, o sistema internacional é dividido entre um pequeno núcleo central de países desenvolvidos, em torno do qual gravita uma imensa periferia reflexa, sem dinamismo próprio e que acompanha o ciclo econômico determinado pelo centro. Vale ressaltar que para os dependentistas a periferia não pode ser

¹ Pesquisa realizada por Sara Curcio, mestranda em Ciências Sociais pela UNESP/Marília, com orientação de Marcos Del Roio e financiamento da FAPESP

² Iremos trabalhar com a noção de um espaço internacional dividido, desigual e conflituoso, opondo países centrais e periféricos, ou mais precisamente, os interesses de grande parte da população dos países periféricos, não da totalidade dela.

³ Não se constituiu como uma teoria *strictu sensu* conforme explicação a seguir.

⁴ PREBISCH, Raúl. **Capitalismo periférico: crisis y transformación**. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

tratada como um todo homogêneo, mas constituída de países com especificidades que requer uma análise de suas individualidades.

Por seu lado, Gramsci parece sustentar uma visão de “periferia” mais interessante e em constante movimento, demonstrando ao longo de alguns temas, as dinâmicas nas quais a periferia torna-se centro e vice-versa. Esse dinamismo poderá ser apreendido nessa pesquisa através do estudo de alguns temas presentes em seus escritos, como exemplo, em *A questão meridional*, quando a região do sul da Itália é entendida como a periferia do Estado Italiano; em o *risurgimento italiano*, visto como movimento periférico em relação à Revolução Francesa; em *revolução passiva* como forma de revolução da periferia; no estudo da Rússia czarista como uma periferia que no momento da Revolução se transforma no centro revolucionário; na relação entre os Estados Unidos e Europa ou *americanismo versus fordismo*, quando a Europa cai sob o domínio do Império Americano; no estudo do mundo colonial, quando Gramsci trata da periferia propriamente dita (Islã, Índia, China, América Latina e o Brasil) e, no tema do proletariado e campesinato, entendido, numa abstração, como periferia do capital.

Diante disso, em vez de entender o conceito “centro-periferia” como duas instâncias diferentes, o que reifica dois espaços geográficos e priva tanto o analista, quanto o leitor, da complexidade do real, pretende-se demonstrar a pertinência da perspectiva gramsciana que nos leva a pensar a condição periférica de forma móvel, dinâmica, criativa, nos permitindo repensar conceitos, como a própria noção de periferia.

Para tanto, optamos por fazer uma comparação entre Gramsci (especialmente nos Cadernos do Cárcere) e um autor representativo da corrente marxista da Teoria da Dependência: Ruy Mauro Marini em seu texto chave, *A dialética de Dependência (1973)*, onde o autor oferece uma explicação das particularidades históricas da dependência na periferia (América Latina) e a necessidade da revolução como elemento central da atuação da classe oprimida. Essa escolha justifica-se pela aproximação que existe entre os autores com respeito à problemática da práxis revolucionária, bem como a base teórica-metodológica de onde partem. Acima de tudo, pelo fato de Marini, dentre os teóricos marxistas da dependência, ter seu legado ainda ser pouco explorado e conhecido no Brasil.

Qual a relevância em voltar ao tema da “dependência” e do “desenvolvimento”? Partimos do seguinte ponto de vista: os problemas aos quais essas idéias estão referidas, a

partir dos quais categorias e conceitos foram formulados, desapareceram? Nosso entendimento é de que não desapareceram, ao contrário, persistem, e isso explica os recentes estudos que nos remetem à atualização da noção de dependência, como exemplo, “repensando a dependência” (Goldenstein, 1994), “novíssima dependência” (Fiori, 1997), “nova dependência desejada” (Singer, 1998), etc, visando demonstrar a inserção dependente dos países periféricos na economia mundial contemporânea ou a não superação da vulnerabilidade externa, e outros problemas que se avolumam, como o ecológico e a instabilidade política.

Assim, entendemos como pertinente o trabalho de repensar o tema da “dependência” e do “desenvolvimento” na periferia capitalista nas atuais condições de “crise estrutural”⁵ do capital e do reconhecimento da importância da questão cultural no desenvolvimento de um país.

A questão que se coloca neste trabalho é a seguinte: Será que Antônio Gramsci teria algo de novo a nos dizer em relação ao que hoje chamados de “dependência” e “desenvolvimento” no contexto dos países periféricos? Como pensar o significado de “periferia” em Gramsci?

Se o pensamento de Gramsci está por um lado, historicamente datado, inserindo-se num período de tempo que vai da Primeira à Segunda Guerra Mundial, por outro lado, essa datação histórica não nos impede de reconhecer em seu pensamento uma elaboração teórica que não se esgota nesse intervalo de tempo, ou pelo menos, não se reduz a ele, a tal ponto que suas categorias de análise atravessam o discurso teórico das Ciências Sociais.

Objetivos

⁵ Consoante Corsi & Alves (2009), entendemos que a idéia de crise estrutural do capital possui uma significação precisa: “a exacerbação das contradições objetivas do modo de produção capitalista em sua dimensão planetária” (pg. 17). Crise estrutural não se confunde com estagnação e queda, pelo contrário, significa a expansão exacerbada do capital e de suas relações que elevam as tendências destrutivas de vida intensificadas pelas contradições sistêmicas. Na medida em que não se vislumbra no horizonte um sujeito histórico de classe capaz de negar essa realidade no âmbito global, o que se coloca com a crise de 2008, é uma nova etapa de reprodução problemática e de barbárie do capital mundial. Disponível em www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/.../art02_33esp.pdf

A presente pesquisa tem por objetivo proceder à reconstrução crítica do pensamento gramsciano, particularmente dos Cadernos do Cárcere, investigando o lugar ocupado nos escritos do autor do que hoje chamamos de “dependência” e “desenvolvimento”.

Trata-se também de investigar o modo pelo qual a noção de “periferia” se expressa em Gramsci, nos seus escritos no cárcere.

E refletir sobre as suas proposições em comparação à Rui Mauro Marini em seu texto *Dialética do Desenvolvimento* (1973).

Hipóteses

A nossa principal hipótese é a de que em comparação com a visão de “periferia” sustentada pelos teóricos da dependência, intimamente ligada à idéia de território geográfico e político, Gramsci parece sustentar outra visão mais interessante e em constante movimento, demonstrando ao longo de alguns temas, as dinâmicas nas quais a periferia torna-se centro e vice-versa.

Esse dinamismo poderá ser apreendido nessa pesquisa através do estudo de alguns temas presentes em seus escritos, como exemplo, em *A questão meridional*, quando a região do sul da Itália é entendida como a periferia do Estado Italiano; em o *risurgimento italiano*, visto como movimento periférico em relação à Revolução Francesa; em *revolução passiva* como forma de revolução da periferia; no estudo da Rússia czarista como uma periferia que no momento da Revolução se transforma no centro revolucionário; na relação entre os Estados Unidos e Europa ou *americanismo versus fordismo*, quando a Europa cai sob o domínio do Império Americano; no estudo do mundo colonial, quando Gramsci trata da periferia propriamente dita (Islã, Índia, China, América Latina e o Brasil) e, no tema do proletariado e campesinato, entendido, numa abstração, como periferia do capital.

Nossa segunda hipótese é de que seria no plano do método e dos conceitos básicos que a abordagem de Gramsci, nos permitiria considerar problemas e questões que escapam às formulações dependentistas⁶ e nos ajudaria a entender processos atuais da situação de dependência em países periféricos. Nos diversos “temas” que Gramsci aborda produz-se

⁶ Os autores da chamada “Teoria” da Dependência.

uma tensão muito forte entre uma visão cada vez mais mundial-internacional dos fenômenos estudados e uma análise voltada para as especificidades, particularmente as nacionais e regionais. Essa sua percepção da temporalidade histórico-internacional e histórico-nacional nos permite pensar as dimensões nacional e internacional da política e da cultura; e de realização da hegemonia.

Com base em Gramsci, Canclini (1988) diz que a dependência de um povo se deve, em parte, ao fato de que encontra na ação hegemônica algo útil às suas necessidades. As relações de dominação e de exploração, para se reproduzirem de modo duradouro, devem se apresentar como um intercâmbio (mesmo que assimétrico) de serviços entre as classes. Conforme o autor, isso não minimiza a exploração, mas ajuda a entender por que os oprimidos percebendo que esse serviço não é inteiramente ilusório dão seu consentimento, emprestando certa legitimidade à hegemonia.

No nono texto *A filosofia como Arma da Revolução*, Louis Althusser caracteriza um mecanismo, que ele denomina de alusão/ilusão⁷, através do qual a ideologia revelaria um aspecto da realidade e, ao mesmo tempo e graças mesmo a essa relação, ocultaria os demais, ocultação que seria funcional para os interesses de determinada classe social. No nosso entender, esse mecanismo de alusão/ilusão pode, dentro de determinadas condições históricas, iludir as classes dominadas tornando-as receptivas às idéias e valores das classes dominantes.

Nos textos de análise histórica de Gramsci, como aqueles reunidos no conhecido volume sobre o “risorgimento”, a luta de idéias está estritamente vinculada às relações e à luta de classes numa sociedade e num período histórico determinado. A hegemonia solda alianças, demarca campos e isola ou neutraliza as forças intermediárias ou potencialmente inimigas, não dando lugar ao consentimento. Assim, a nossa terceira hipótese é que Gramsci nos ajuda a entender como a hegemonia secciona as classes e setores populares, e também a verificar se, como e por que cada um deles aceita ou rejeita, e de que maneira, uma determinada ideologia.⁸

⁷ LOUIS ALTHUSSER, *La filosofia como Arma de la Revolución*. Córdoba, Cuadernos de Pasado y Presente, 1968.

⁸ Vale destacar que Gramsci, em certas formulações que usa para apresentar seu conceito de hegemonia, não propõe que ela se exerça do plano ideológico, intelecto, subjetivo, desconectado da base material, das condições objetivas existentes, mas sim, que estas que estas idéias estão articuladas com a base material e não dispersas em relação à elas.

A quarta hipótese é a de que Gramsci destaca de um modo diferente das abordagens dependentistas a relação entre os processos culturais e o desenvolvimento. Canclini (1988) se pergunta por que, nos países multiétnicos, onde existem tradições regionais diversas, a cultura popular está ausente da investigação sobre o desenvolvimento? O autor destaca que essa problemática na obra de Gramsci tem grande peso com a sua proposta de que o folclore, entendido como aglomerado de concepções de mundo fragmentadas, deve ser superado por uma cultura nacional-popular, ou seja, uma concepção de mundo capaz de “unificar nacionalmente o povo” e dirigir a transformação social, visto que um projeto social autônomo não pode ser pensado a partir de fragmentos de concepções de mundo.

Metodologia

Para a verificação das nossas hipóteses, o mais prudente é seguirmos as próprias indicações metodológicas deixadas por Gramsci para entender e estudar a sua obra, contidas no Caderno 16 (1933-1934): Temas de cultura, § 2, Questões de Método:

Quando se pretende estudar a formação de uma concepção de mundo que nunca foi exposta sistematicamente pelo seu fundador, a coerência essencial deve ser procurada não em escritos separados ou em série, mas em todo o desenvolvimento do variado trabalho intelectual, no qual os elementos da concepção estão implícitos.

Aplicar a Gramsci o seu próprio método de pesquisa é o desafio. Ler os seus textos com o máximo escrupulo e exatidão e de honestidade científica, que significa sem nunca “forçá-los”, ler os seus textos na contingência (os escritos juvenis) ou no fluxo só parcialmente estruturado (os escritos do cárcere) no qual foram concebidos, jogando luz sobre o objeto desta pesquisa.

Assim, não se trata de exaltar ou não o elemento fragmentário ou até aforístico do estilo de Gramsci, mas de tomar consciência de que todo pensamento escrito, seja qual for sua “roupagem”, aparece acima de tudo como um incentivo, um convite a um diálogo (Barata, 1989). É preciso “traduzir” o desenvolvimento do tema e o objeto deste estudo, a partir da “introdução” no “Primeiro Caderno”, captando todo o seu desenvolvimento, dentro do discurso filosófico dos Cadernos.

Em seguida faremos um estudo de comparação entre Gramsci (especialmente nos Cadernos do Cárcere, 1929-37) e Marini (no texto A dialética do desenvolvimento, 1973).

Justificativa

A pesquisa justifica-se por representar um esforço para superar os enfoques que, em última instância, ignoram a questão de saber como e por que as classes dominadas podem aceitar e defender idéias e valores que contrariam os seus interesses. Essa omissão é manifestação de um impasse teórico proveniente de uma dificuldade que é geral e de fundo da problemática marxista da dependência – a dificuldade de explicar o fato de a “classe subalterna” assumir valores e “idéias burguesas”. Esse impasse teórico marcou, e ainda marca, muitos trabalhos inspirados no marxismo.

Assim, esse recuso à perspectiva gramsciana permitirá revelar um outro estilo de pesquisa, com articulações de problemas de natureza diferente da produção dominante do campo e verificar o quanto a produção gramsciana pode contribuir para estudos atuais sobre o tema.

Bibliografia

- CANCLINI, N. G. Gramsci e as culturas populares na América Latina. In: Carlos Nelson & NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Gramsci e a América Latina*. Paz e Terra, 1988.
- CORSI, L. F. O enigma da dependência: decifra-me ou devoro-te. In VALENCIA, Adrián Sotelo. *Teoria da Dependência e Desenvolvimento do Capitalismo na América Latina*. Editora Práxis, 2008.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Teoria ‘ampliada’ do Estado. In: Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- COUTINHO, Carlos Nelson & NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Gramsci e a América Latina*. Paz e Terra, 1988.
- COX, Robert. *Gramsci, Materialismo Histórico e Relações Internacionais*. RJ: UFRG, 2007.
- DOS SANTOS, T. (1970). The Structure of Dependence. In: *American Economic Review*, maio, pp. 231-236. New York.
- _____. (2000). *A Teoria da Dependência: Balanço e Perspectivas*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- GIORGIO BARATTA. As rosas e os Cadernos. RJ:DP&A,2004
- GRAMSCI, Antonio. Alguns temas da questão meridional. A questão meridional. Paz e Terra,

_____. Cadernos do Cárcere, vol 3, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Caderno 1, § 47, Caderno 13, Caderno 6, § 12, § 24, § 88 e § 137, Caderno 8, § 2, § 179, §185, Caderno 18, 19, 25 e 27

LIGUORI, Guido. Estado e sociedade civil: entender Gramsci para entender a realidade. In: COUTINHO, Carlos Nelson; TEIXEIRA, Andréa de Paula (org.) Ler Gramsci, entender a realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARINI, R. M. (1991). *Dialéctica de la Dependência*. México. Ediciones Era. Disponível em: <http://www.marini-escritos.unam.mx>

_____. (2000). *Dialéctica da Dependência – uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini*. Petrópolis: Ed. Vozes.

_____. (1992). *América Latina: dependência e integração*. São Paulo: Editora Brasil Urgente.

VALENCIA, Adrián Sotelo. *Teoria da Dependência e Desenvolvimento do Capitalismo na América Latina*. Editora Práxis, 2008.